

## **Feiras livres, pandemia e hábitos alimentares: um estudo de caso em Medina, Vale do Jequitinhonha mineiro**

**Loren Michelle Cardoso Silva – Administradora, pesquisadora do Núcleo PPJ/UFMG**

**lorenmichelle14@gmail.com**

**Vitória Emanuely Souza Santos – Acadêmica de Administração, pesquisadora do Núcleo  
PPJ/UFMG**

**vitoria.emanuely89@gmail.com**

**Flávia Maria Galizoni – Professora da UFMG, coordenadora do Núcleo PPJ/UFMG**

**flaviagalizoni@yahoo.com.br**

**Financiamento da pesquisa: CNPq**

**Grupo de trabalho 19: Sociedade, Ambiente e Território**

### **Resumo**

No Vale do Jequitinhonha as feiras livres são espaços alimentares, culturais, sociais e econômicos muito importantes. São um dos principais canais de comercialização da produção familiar, de alimentos cultivados que compõem a dieta da população deste território. Desempenham um papel expressivo na economia local e no abastecimento urbano. Entretanto, a pandemia da COVID-19 impactou o funcionamento das feiras livres, criando dificuldades para a comercialização das famílias lavradoras e para os consumidores adquirirem produtos locais. O objetivo deste trabalho é analisar os efeitos da pandemia em uma feira livre do município de Medina, no Jequitinhonha, investigando a relação dos consumidores urbanos com os alimentos ofertados na feira, buscando identificar possíveis mudanças nos padrões de consumo e nos hábitos alimentares. Para tanto, utilizou-se dados de pesquisas de campo, uma realizada em 2020 (antes da

pandemia) e outra replicada em 2023 (pós-pandemia), em ambas foram aplicados questionários semi-estruturados abordando aspectos relacionados aos hábitos alimentares, a frequência do consumidor na feira, faixa de gasto, pauta de consumo entre outros fatores. Foram entrevistados 59 consumidores em 2020 e 75 em 2023. Os resultados indicaram que, no pós-pandemia houve mudanças significativas nas atitudes dos consumidores em relação à feira, principalmente, deixaram de consumir produtos, reduziram a variedade de alimentos adquiridos, e ou optaram por outras formas de comércio para adquirir os alimentos anteriormente comprados na feira. Observou-se ainda queda expressiva de participação da feira no abastecimento urbano, indicando perdas de soberania alimentar, exclusão de agricultores feirantes e de dinamismo econômico. Apesar dos fortes impactos causados pela pandemia, o estudo indicou também que a feira tem potencial para estimular o desenvolvimento local, levando alimentos saudáveis, ambientalizados para a população, fomentando cultura e renda.

## **Introdução**

No Vale do Jequitinhonha mineiro, as feiras livres desempenham papel fundamental no dinamismo econômico, social, cultural e alimentar nas localidades. São espaços de diversidade comercial, com produtos característicos de cada produtor/feirante que proporcionam e incentivam o consumo de alimentos locais e limpos<sup>1</sup> – farinhas, rapaduras, o feijão de corda, catador ou andu, os queijos, requeijões, que compõem a dieta da população deste território, estimulando a soberania alimentar e valorizando a agricultura familiar (RIBEIRO, 2018).

A pauta dos feirantes/produtores está intrinsecamente relacionada com a cultura local, por isso estes enfrentam dificuldades para acessar mercados convencionais, mas tem seus lugares cativos nas feiras livres. Quem se beneficia são os consumidores e a região, visto que a feira impulsiona a circulação de alimentos frescos e locais, para todos os gostos. Assim, o impacto cultural vem por meio do resgate e da manutenção dos

---

<sup>1</sup> “São muitos os preceitos para criar um produto saudável: a escolha da terra, a seleção de semente e muda, os tratamentos culturais orientados pelo conhecimento minucioso dos recursos e das técnicas. Assim é feito o produto “limpo”, sem adubo químico, venenos ou conservantes que a maioria dos feirantes leva às feiras.” (CRUZ, 2022, p. 10).

hábitos alimentares com diversidade e qualidade nos alimentos ofertados, o que dinamiza e favorece a soberania alimentar (RIBEIRO, 2016).

As feiras abasteciam, na média, 50% da população urbana no vale do Jequitinhonha. São os principais canais de comercialização da produção familiar, costumam ser a principal fonte de renda em dinheiro de agricultores, correspondendo em termos médios a 25% do PIB da Agropecuária dos municípios, conforme observado por CRUZ (2019).

Além de gerar ocupação, renda para as comunidades locais e segurança alimentar, as feiras são espaços que fortalecem os laços entre produtores e consumidores. Nas trocas entre esses dois sujeitos, existe algo singular: a relação entre o feirante e o seu freguês, onde é possível identificar trocas materiais que são intermediadas por produtos alimentícios, artesanatos, entre outros, e, há também as trocas simbólicas que se revelam serem tão valiosas quanto as trocas monetárias. Assim, o intercâmbio enriquece as feiras como espaços de convívio, onde valores, informações e/ou presentes são compartilhados juntamente com os produtos comercializados (RIBEIRO, 2018).

As feiras livres são mais que espaços de comercialização, são espaços de intensa interação social, encontros entre feirantes, consumidores, frequentadores, estimulando a cultura alimentar e estabelecendo laços sociais valiosos.

Entretanto, a pandemia da COVID-19 impactou o funcionamento das feiras criando empecilhos para a comercialização das famílias lavradoras e para os consumidores adquirirem produtos locais. Na pandemia, nos períodos de crise sanitária e isolamento social, foram adotados o fechamento de estabelecimentos e comércios não essenciais, inclusive das feiras livres. O fechamento das feiras, mesmo que intermitentemente, impactou de forma particular o rural brasileiro: para as famílias produtoras de alimento colocou em risco produção e comercialização; enquanto, para famílias que residem nos centros urbanos de pequenos municípios o acesso ao alimento se tornou um problema a ser enfrentado (CASSOL, VARGAS, CANEVER, 2020; CLAUDINO, 2020).

Assim, o objetivo deste estudo é analisar os efeitos da pandemia na feira livre do município de Medina, Vale do Jequitinhonha, investigando a relação dos consumidores urbanos com os alimentos ofertados na feira, buscando identificar possíveis mudanças nos padrões de consumo e nos hábitos alimentares.

## Metodologia

Para analisar as consequências da pandemia na feira, organizou-se um estudo que se utilizou de dados de pesquisas de campo realizadas na feira livre de Medina. Uma, realizada em 2020 (antes da pandemia), teve o objetivo de identificar a importância da feira para consumidores e agricultores familiares, bem como colher possíveis sugestões para aprimorar as condições das feiras livres (BARBOSA, 2020). E outra, reaplicada em 2023 (pós-pandemia), que partindo da metodologia da pesquisa anterior buscou captar os efeitos da pandemia. Em ambas foram aplicados questionários semi-estruturados (GIL, 2002), abordando aspectos relacionados aos hábitos alimentares, a frequência do consumidor na feira, faixa de gasto, pauta de consumo entre outros fatores. Assim foi possível comparar dados sobre a feira em dois momentos diferentes, antes e pós pandemia

Para coleta de dados utilizou-se da metodologia consolidada em estudos de feiras por Ribeiro (2007). O primeiro propósito das pesquisas realizadas foi registrar o número de pontos de vendas de agricultores familiares presentes na feira, classificando-os de acordo com os produtos comercializados pelos feirantes. Os pontos de vendas são classificados em classes, sendo eles: frutas, verduras e legumes (FLV); indústria doméstica rural (IDR); FLV e IDR; agroextrativismo; diversificados; açougue; animais vivos; alimento pronto; medicinais; mudas; manufaturas; artesanato e outros (BARBOSA, 2020).

O segundo propósito consistiu em entrevistar feirantes e consumidores. Para isso, foi utilizado um questionário semi-estruturado, cuidadosamente elaborado, em ambas pesquisas, abordando aspectos relacionados aos hábitos alimentares, a frequência dos consumidores na feira, faixa de gasto, pauta de consumo entre outros fatores.

Em 2020 foram realizadas 21 entrevistas com “feirantes produtores”, ou seja, produtores que comercializam diretamente de suas unidades familiares (BARBOSA, 2020). Em 2023, buscou-se seguir os mesmos critérios e, para isso, criou-se uma lista pré-selecionada com base nos entrevistados de 2020. Caso algum deles não estivesse presente na feira no dia da pesquisa, era substituído por um ponto classificado como similar ao feirante ausente, seguindo a metodologia de Barbosa (2020). Dessa forma, foram realizadas 18 entrevistas com agricultores(as) feirantes em 2023, alcançando aproximadamente 90% das intenções de entrevista.

Foram realizadas entrevistas com os consumidores, definidos como pessoas que adquiriram produtos na feira, evidenciados pelo carregamento de sacolas ou pelo consumo no local. Tanto em 2020 quanto em 2023 considerou-se uma amostra mínima de 4% da população estimada que frequentava a feira. Os entrevistados foram abordados aleatoriamente, buscando uma proporção de aproximadamente 50% de mulheres e 50% de homens; as entrevistas foram distribuídas pelos horários de compra. Ao todo foram 59 entrevistas em 2020 e 75 entrevistas em 2023 com consumidores.

### **Feiras livres em tempos de pandemia: desafios e resiliências**

A pandemia causada pelo coronavírus rapidamente atingiu o interior do Brasil. A população que reside no meio rural, constantemente negligenciada na esfera da política pública, precisou se moldar a uma nova realidade com as restrições impostas pela crise sanitária. O que inevitavelmente impactou suas condições de produção, as formas de comercialização nos espaços de feiras locais e na renda das famílias (NEPOMOCENO, 2021).

Os agricultores familiares enfrentam uma série de desafios decorrentes da falta de acesso aos direitos básicos, o que os tornam mais vulneráveis a situações como as causadas por uma pandemia. Essa realidade se mostrou especialmente preocupante no contexto das feiras livres, onde aspectos críticos muitas vezes são observados, como produtos expostos no chão (RIBEIRO, 2016). Entretanto, segundo o mesmo autor, é importante ressaltar que, mesmo diante dessas adversidades, o consumidor permanece assíduo, pois muitos produtos são ofertados exclusivamente nestes locais e carregam consigo uma identidade cultural e alimentar que fideliza a clientela.

O processo de isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19 fez com que diversos mercados e feiras municipais reduzisse o tempo de funcionamento, afetando diretamente a dinâmica produtiva das famílias agricultoras, pois a estrutura de sua produção é pautada na oferta presencial dos alimentos (BREINTENBACH, 2021; CLAUDINO, 2020). Mesmo nas feiras que foram consideradas serviços essenciais e permaneceram abertas durante a pandemia, os próprios agricultores se viram obrigados a reduzir ou parar por completo a atividade, por medo do contágio e também por

dificuldades em conduzir a atividade seguindo as medidas sanitárias necessárias (CLAUDINO, 2020).

Este é o caso de Medina, município situado no Médio Jequitinhonha. Segundo o IBGE (2022), a população total do município é de 20.156 indivíduos, com uma média de 2,77 moradores por domicílio. Em Medina, 72,9% dos 1.658 estabelecimentos rurais são classificados como de agricultura familiar (BARBOSA, 2020). São famílias produtoras de alimentos tanto para o autoconsumo quanto para comercializar. Vendem principalmente na feira que ocorrem regularmente aos sábados, e movimentam toda a cidade, pois há um afluxo de pessoas: agricultores e agricultoras, feirantes, que se deslocam de suas comunidades para ofertar seus produtos, consumidores urbanos que vão adquirir alimentos e todo esse movimento aquece o comércio urbano (BARBOSA, 2020).

Uma das primeiras medidas para evitar o contágio em Medina foi o fechamento intermitente da feira. O fechamento do funcionamento da feira ocorria quando era decretada pelo governo do estado em conjunto com o município a “onda roxa”<sup>2</sup> de contaminação, ou seja, momentos críticos em que a taxa de casos atingia níveis elevados. Embora os fechamentos da feira não tenham se prolongado no tempo, eram intermitentes, a feira era interrompida por períodos de 20 dias aproximadamente, as repercussões transcendem a interrupção das atividades. Como consequência direta, a impossibilidade de aglomeração, mesmo com a abertura da feira, reduziu significativamente o fluxo de pessoas; os feirantes-produtores em sua maioria são idosos e pertenciam aos grupos de risco; e a inexistência de transporte público fornecido pela prefeitura para os feirantes, não permitiu o acesso por parte deles à feira de Medina, visto que muitos necessitam arcar com custos elevados para transportar seus produtos. As dificuldades desencadeadas pela pandemia, se somavam às outras particulares referentes a gestão municipal e da feira.

Em Medina, a pandemia trouxe consigo não apenas desafios para a saúde pública, mas também impactos econômicos e sociais significativos. A cidade, anteriormente conhecida por suas animadas feiras e mercados repletos de produtos frescos e sazonais, enfrentou uma drástica transformação durante o período pandêmico. Nesse contexto, de

---

<sup>2</sup> Em Minas Gerais, foi instituído o Plano Minas Consciente com o propósito de monitorar a situação da COVID-19. No âmbito desse plano, a fase denominada “onda roxa” foi estabelecida como medida emergencial de caráter obrigatório para todos os municípios inseridos, visando preservar a integridade do sistema de saúde. Durante a Onda Roxa, foram implementados protocolos que regularam os horários de funcionamento dos serviços essenciais, bem como impuseram restrições a outras atividades, como o serviço de entrega (SES, 2021).

**VI ENCONTRO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO NORTE DE MINAS – 14 A 16 DE AGOSTO DE 2023**  
**DEPARTAMENTO DE POLÍTICA E CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIMONTES/MG**

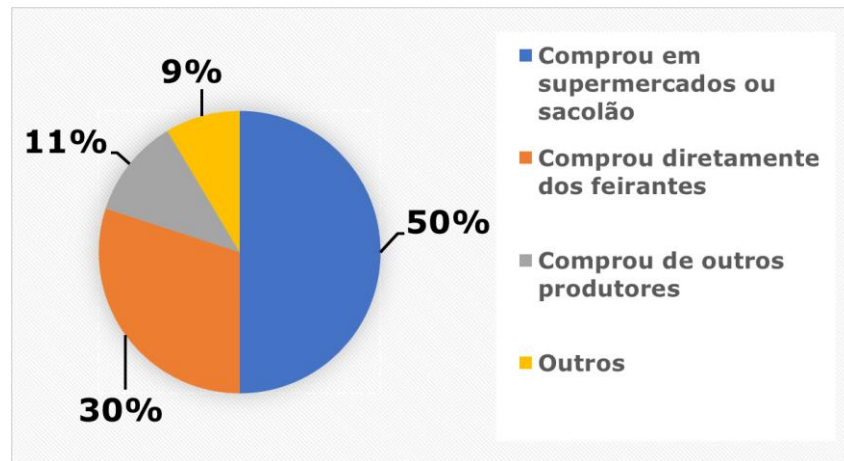
acordo com Breitenbach (2020), a soberania alimentar foi, quase sempre, severamente afetada.

É relevante pontuar a dimensão da feira livre de Medina, a sua importância no abastecimento da população urbana do município. Em 2020, a feira livre forneceu alimentos para 33,40% da população urbana, que dependia semanalmente dessa fonte de abastecimento. Contudo, observou-se, como um dos efeitos das restrições de funcionamento impostas pela pandemia, uma redução nessa proporção. Em 2023, apenas 18,20% da população urbana era abastecida pela feira. Assim, entre 2020 e 2023 houve uma queda significativa de 15,20% na proporção de famílias urbanas que dependiam da feira para seu abastecimento. Essa diminuição pode ter consequências tanto para os feirantes, no que concerne a renda oriunda dessa atividade, quanto para os consumidores urbanos, na promoção da segurança e soberania alimentar.

Outro aspecto importante a ser destacado como efeito da pandemia foi a redução dos pontos de venda na feira. Em 2020, a feira de Medina contava com um total de 179 pontos de venda da agricultura familiar, no entanto, em 2023, essa quantidade sofreu uma redução de 46 pontos, resultando em 133 pontos da agricultura familiar de venda ativos. Esse decréscimo representou um desafio tanto para os feirantes produtores que deixaram de ofertar seus produtos na feira quanto para os consumidores do centro urbano que foram afetados pela diminuição da variedade dos produtos disponíveis na feira.

Diante das dificuldades enfrentadas pelos consumidores contumazes da feira, de adquirir produtos, devido às restrições impostas pela situação pandêmica, foram adotadas por esses consumidores algumas estratégias para a aquisição dos alimentos que anteriormente eram comprados na feira (Gráfico 1). Dentre as soluções encontradas, uma que se destacou foi a migração das compras para os supermercados e/ou sacolões. Segundo Cruz (2022), a experiência da feira livre em relação aos supermercados tradicionais diferenciava-se em diversas vantagens, seja na possibilidade de negociação de preços, na colaboração dos consumidores para incrementos nos produtos, e mesmo na interação que a feira livre proporciona para aqueles que frequentam. Portanto, esse direcionamento das compras para os supermercados em função do fechamento intermitente das feiras livres durante a pandemia indicou um prejuízo no que diz respeito à soberania alimentar que a feira livre assegura para a população urbana de Medina.

**Gráfico 1:** estratégias de compra dos consumidores na pandemia



Fonte: Pesquisa em campo, NPPJ, 2023.

Apesar dos obstáculos criados na situação de crise sanitária para os feirantes-produtores venderem na feira, a pesquisa indicou que 30% dos consumidores permaneceram comprando diretamente dos produtores-feirantes e 11% adquiriram mercadorias de outros produtores diretos.

Concomitantemente, os feirantes-produtores também traçaram estratégias para garantir a continuidade dos seus negócios. Dentre as estratégias recorridas pelos feirantes entrevistados, 50% optaram pela entrega a domicílio, permitindo que os clientes pudessem fazer suas compras em segurança e receber os produtos em suas casas; 30% aproveitaram o potencial das ferramentas digitais, como as redes sociais e televendas, para manter o contato dos antigos clientes e prospectar novos; 10% realizaram a venda de “porta em porta”, abordando consumidores de casa em casa; e 10% dos feirantes relataram ter desenvolvido outras estratégias, revelando a diversidade de ideias e soluções criativas implementadas para enfrentar adaptar ao cenário pandêmico.

Essas iniciativas não apenas asseguraram a sustentabilidade das vendas durante o período da crise sanitária, mas também refletem o comprometimento dos feirantes com seus clientes e a busca por soluções inovadoras em tempos difíceis. Essas práticas adaptativas são um exemplo do poder de resiliência e capacidade de transformação que a feira de Medina demonstrou, tornando-a ainda mais relevante para a comunidade local em momentos de mudança e desafios.

### **Consumidores e hábitos alimentares**

A feira livre engloba uma ampla gama de atividades, movimentações, produtos e conexões sociais; e os feirantes-produtores se destacam dentro desse cenário (GODOY, 2007). Esses feirantes juntamente com o grupo familiar desempenham um papel fundamental em todo o processo produtivo, desde a colheita até o momento em que os produtos chegam à mesa do consumidor. Nesse sentido, todo o processo que é realizado para que os alimentos cheguem à feira livre representa um alicerce para o dinamismo dessas famílias, exerce um papel crucial na economia local e no fomento da soberania alimentar de toda uma comunidade. (Ribeiro, 2003)

As feiras, além de serem fonte fundamental para escoamento e venda de alimentos provenientes da agricultura familiar, englobam alimentos perecíveis como hortaliças e produtos do agroextrativismo e itens não agrícolas, como artesanatos e manufaturados.

Os consumidores desempenham um papel fundamental nesse contexto, pois, ao optarem por comprar na feira livre, contribuem diretamente para a promoção da soberania alimentar. Ao fazerem suas escolhas conscientes e valorizar produtos locais e da agricultura familiar, eles incentivam o fortalecimento da economia local e apoiam diretamente os produtores da região.

Foi nesse sentido que se investigou o perfil dos consumidores da feira livre de Medina.

Em ambos os anos observados, eram as mulheres que mais consumiam os produtos da feira: em 2020, elas representavam volta de 54% dos consumidores, não verificando alterações significativas em 2023, cerca de 56% eram mulheres. Esse dado indica que, as mulheres do município de Medina participam ativamente na aquisição de alimentos e nas decisões de compra, ou seja, pode refletir uma tendência de aumento da participação das mulheres na tomada de decisões de compra das residências e indicar uma maior preferência das mulheres pelos produtos ou pela experiência de compra oferecidos pela feira.

**Tabela 1.** Participação de mulheres entre os consumidores a Feira de Medina, 2020 e 2023

2020		2023	
Sexo	Percentual (%)	Sexo	Percentual (%)
Mulher	54	Mulher	56
Homens	46	Homens	44
Total	100	Total	100

**Fonte:** Pesquisa em campo, NPPJ, 2023.

Outra dimensão que merece atenção é a faixa etária predominante entre os consumidores da feira. Observou-se que em 2020 a faixa etária entre 41 a 65 anos constituía a maior parte dos consumidores da feira. Em 2023, após os períodos de restrições devido à pandemia e considerando que parcelas desses indivíduos faziam parte do grupo de risco para a COVID-19, não só a presença desse grupo etário se manteve constante, mas aumentou de 49,2% para 57,4%. Mesmo no contexto pós-pandêmico, essa faixa etária predominava nas compras na feira, indicando resiliência nos hábitos de consumo e a relevância dos alimentos ofertados na feira para compor a pauta alimentar.

**Tabela 2.** Faixa etária dos consumidores de Medina, 2020 e 2023.

2020		2023	
Faixa etária	Percentual (%)	Faixa etária	Percentual (%)
21 a 30 anos	13,6	21 a 30 anos	9,2
31 a 40 anos	18,6	31 a 40 anos	8,0
41 a 65 anos	49,2	41 a 65 anos	57,4
Maior 65 anos	18,6	Maior 65 anos	25,4
Total	100,0	Total	100,0

**Fonte:** Pesquisa em campo, NPPJ, 2023.

**VI ENCONTRO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO NORTE DE MINAS – 14 A 16 DE AGOSTO DE 2023**  
**DEPARTAMENTO DE POLÍTICA E CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIMONTES/MG**

Tanto em 2020 quanto em 2023 frutas, verduras e legumes (FLV) aparecem como prioridade do consumidor na hora da compra. Alguns dos motivos destacados para essa preferência foram a confiança na origem dos alimentos produzidos localmente ou regionalmente; o conhecimento pessoal, direto, de quem são os produtores; são alimentos básicos que fazem parte da dieta regional, e a feira facilita o acesso e a compra desses alimentos.

Observou-se uma pequena reorganização das preferências dos consumidores por grupo alimentar no antes e pós pandemia. Em 2020, a aquisição de carnes aparecia como a segunda principal preferência, porém, em 2023, a indústria doméstica rural (IDR) - farinha de mandioca, rapadura, requeijão, queijos, doces entre outros - passou a ser a segunda das preferências. Essa reorganização pode ser analisada a partir de dois pontos: um pelo preço mais elevado da carne, o outro como uma estratégia alimentar pautada nos hábitos e culinária tradicionais. Os produtos da indústria doméstica rural muitas vezes estão associados a práticas e dietas locais que são transmitidas e reinterpretadas ao longo das gerações. Ao comprar produtos desse segmento, os consumidores podem contribuir para a valorização da pauta alimentar e da economia local.

**Tabela 1.** Preferências dos consumidores de Medina por segmento, em 2020 e 2023.

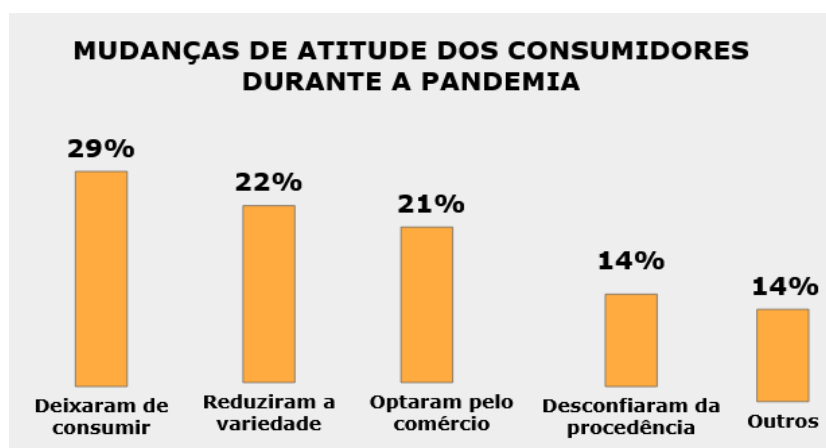
Ano	1°	2°	3°	4°	6°
2020	Frutas, verduras e legumes	Carnes	Indústria* doméstica rural	Lavoura	Extrativismo
2023	Frutas, verduras e legumes	Indústria doméstica rural	Carnes	Lavoura	Extrativismo

**Fonte:** Pesquisa em campo, NPPJ, 2023.

Uma questão direcionada aos consumidores foi sobre possíveis mudanças de atitude decorrentes do período pandêmico e das dificuldades enfrentadas durante essa fase. Uma grande parte dos consumidores, 29%, relatou ter deixado de consumir algum produto, seja pela dificuldade em encontrá-lo, de comprá-lo ou financeira; 22% afirmaram ter reduzido a variedade dos produtos que compravam antes - por exemplo, aqueles que costumavam comprar uma ampla variedade de produtos na feira, como quiabo, salsinha e rúcula,

passaram a comprar menos itens, no caso de um relato específico de um consumidor, passou a comprar somente a salsinha -; 21% dos consumidores optaram pelo comércio urbano, o que é alarmante para a soberania alimentar, visto que os mercados mantêm laços com sistemas agroindustriais que não possuem predileção pelos alimentos limpos da agricultura familiar; já a falta de confiança na procedência dos produtos também foi uma preocupação para alguns consumidores, visto que 14% relataram ter desconfiado se certos produtos eram produzidos na localidade mesmo.

**Gráfico 2:** mudanças de atitude dos consumidores durante a pandemia



Fonte: Pesquisa de Campo, NPPJ, 2023

Por fim, um aspecto preocupante legado pela pandemia foi a diminuição nos gastos semanais dos consumidores na feira. Em 2020, os gastos médios dos consumidores foram estimados em R\$139.284,42 no ano, contribuindo para cerca de 25% do PIB de Medina. Já em 2023, os gastos dos consumidores na feira livre totalizaram R\$108.325,84 no ano, o que representou aproximadamente 21% do PIB do município. Apesar da diminuição observada entre 2020 e 2023, a feira livre de Medina continua tendo uma participação econômica significativa no município, evidenciando a sua importância para o dinamismo da economia local.

### **Considerações finais**

Os resultados deste estudo indicaram que houve mudanças significativas nas atitudes dos consumidores em relação à feira de Medina no pós pandemia.

Principalmente, deixaram de consumir produtos, reduziram a variedade de alimentos adquiridos, ou optaram por outras formas de comércio para adquirir os alimentos anteriormente comprados na feira. Observou-se ainda queda expressiva de participação da feira no abastecimento urbano, indicando perdas de soberania alimentar, exclusão de agricultores feirantes e de dinamismo econômico.

Entretanto, mesmo diante dos fortes impactos causados pela pandemia, o estudo apontou também a resiliência da feira de Medina, pois apesar dos desafios enfrentados a feira ainda contribui substancialmente para o Produto Interno Bruto (PIB) municipal com aproximadamente 21%, mostrando seu potencial para estimular o desenvolvimento socioeconômico local. Além disso, desempenha um papel relevante no fornecimento de alimentos saudáveis e ecologicamente conscientes, beneficiando aproximadamente 20% da população urbana do município. Esse engajamento não apenas promove a cultura local e gera renda, mas também fortalece a soberania alimentar da região.

## **Referências**

AQUINO, Estela ML et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. suppl 1, p. 2423-2446, 2020.

ARAÚJO, Alexandro Moura; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2018.

BARBOSA, Lucas Fernandes et al. A dinâmica de consumo e produção na feira livre de Medina, Minas Gerais. In: **Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

BREITENBACH, Raquel. Estratégias de enfrentamento dos efeitos da pandemia na agricultura familiar. **Desafio Online**, v. 9, n. 1, 2021.

CASSOL, Abel; VARGAS, Leticia Paludo; CANEVER, Mario Duarte. Desenvolvimento territorial, Covid-19 e as novas estratégias de produção, comercialização e consumo de alimentos da Agricultura Familiar na Região Sul do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 16, n. 4, 2020.

CLAUDINO, Livio Sergio Dias. Impactos da pandemia de Covid-19 para a agricultura familiar paraense e a Agroecologia como um caminho para a superação. **UNIFESSPA-unidos contra a covid-19**, 2020.

CRUZ, Maria Sirlene da et al. Comprando qualidade: costume, gosto e reciprocidade nas feiras livres do Vale do Jequitinhonha. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 60, 2021.

DE FÁTIMA CARVALHO, Francislene; DE FÁTIMA GROSSI, Selma. A importância das feiras livres e seus impactos na agricultura familiar. **Revista Interface Tecnológica**, v. 16, n. 2, p. 226-234, 2019.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Wilson Itamar; DOS ANJOS, Flávio Sacco. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/medina.html>>.

IMRS - ÍNDICE MINEIRO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL. 2022. Disponível em: <<https://imrs.fjp.mg.gov.br/Consultas/Resultado>>.

NEPOMOCENO, Taiane Aparecida Ribeiro. Efeitos da pandemia de covid-19 para a agricultura familiar, meio ambiente e economia no Brasil. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 7, n. 21, p. 86-96, 2021.

VI ENCONTRO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO NORTE DE MINAS – 14 A 16 DE AGOSTO DE 2023  
DEPARTAMENTO DE POLÍTICA E CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIMONTES/MG

RIBEIRO, Eduardo Magalhães et al. As feiras livres do Jequitinhonha: feirantes, consumidores e comércio urbano no semi-árido mineiro. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, n. 228, p. 11-26, 2007.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães et al. As feiras livres do Jequitinhonha. In RIBEIRO, E.M. (org) Sete estudos sobre a agricultura familiar do Vale do Jequitinhonha. **Porto Alegre: Editora da UFRGS**, 2013.

SES - SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DE MINAS GERAIS. 2021. Minas Gerais segue na onda roxa até a páscoa. Disponível em: <<https://www.saude.mg.gov.br/component/gmg/story/14487-minas-gerais-segue-na-onda-roxa-ate-a-pascoa>>.

SILVA FILHO, Olívio José da; GOMES JÚNIOR, Newton Narciso. O amanhã vai à mesa: abastecimento alimentar e COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00095220, 2020.